



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão solene de encerramento do Seminário Novas Diretrizes para o Sistema Contábil Brasileiro

Golden Tulip Hotel – Brasília-DF, 18 de agosto de 2010

Meu caro companheiro vice-presidente da República, José Alencar,

Minha cara senadora Ideli Salvatti,

Deputados Cláudio Vignatti e Pedro Eugênio,

Meu companheiro Nelson Machado, secretário-executivo do Ministério da Fazenda e padrinho de todos os contadores e contadoras do Brasil,

Meu caro Otacílio Dantas Cartaxo, secretário da Receita Federal,

Meu caro Juarez Domingues Carneiro, presidente do Conselho Federal de Contabilidade, por meio de quem cumprimento todos os contadores presentes e contadoras,

Senhor Valdir Pietrobon, presidente da Fenacon, por meio de quem saúdo os empresários do setor contábil,

Nossa querida amiga Maria Clara Cavalcante, presidente da Academia Brasileira de Ciências Contábeis,

Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu querido companheiro Antoninho Trevisan, contador e presidente do Comitê Gestor do Programa Fome Zero,

Eu confesso a vocês que estou constrangido aqui, vendo tanta gente sentada em volta de uma mesa, com os pratos vazios, e vocês ouvindo a quantidade de discursos que vocês ouviram. Obviamente que é uma noite de confraternização, é uma noite de, eu diria, agradecimento de vocês ao Congresso Nacional, que fez as leis que vocês tanto se beneficiaram, ao governo, que ajudou e sancionou. Mas também é uma noite de gratidão nossa



ao trabalho que vocês têm prestado, ao longo de tantas décadas, pelo nosso querido Brasil.

Eu não vou fazer discurso – está aqui escrito, longo, 20, 33 páginas – eu, por mim, terminaria dizendo “muito obrigado”. Eu só queria dizer uma coisa para vocês, para não dizer que eu não falei: nós estamos, o Zé Alencar e eu, estamos a quatro meses e poucos dias de deixarmos o governo. Eu queria lembrar que eu pensei, há pouco tempo, em criar o Ministério da Micro e Pequena Empresa e resolvi que não era justo criar no final de mandato, que era melhor esperar que a partir de 1º de janeiro quem estiver na Presidência crie o Ministério, escolha o ministro, para as coisas começarem a andar.

Uma coisa que eu considero importante é que eu penso que o Brasil começou a dar certo porque tinha duas pessoas comandando o Brasil, possivelmente, as duas únicas pessoas que não tiveram diploma universitário que já governaram o Brasil. Pelo fato de nós termos aprendido a sobreviver em uma batalha cotidiana, dura – ele se transformar em um grande empresário e eu me transformar em um razoável fazedor de greve nos anos [19]70 e nos anos [19]80 – e, um belo dia, nós conhecermos e pelo fato de nós dois não termos uma tese pré-definida, ou seja, cada pessoa que vem conversar com a gente e que conta uma coisa para nós é sempre novidade, é sempre uma coisa a mais que a gente aprende, é sempre uma coisa a mais que a gente pode fazer, as coisas começaram a andar, porque a gente não proibia que as pessoas tivessem ideias e transformassem as suas ideias em propostas a serem adotadas pelo governo.

O Nelson, certamente, não ganhou. Ele estava falando, eu imaginava que era o Papa que estava falando, então... Não sei se vocês viram pela televisão. O Nelson, certamente, tem muito a ver com o compromisso do governo com todos vocês, em cada cidade, em cada estado, nos sindicatos de vocês, ou seja, o Nelson tem muito a ver porque o Nelson foi um batalhador e orientador de que a gente deveria ter esse comportamento para facilitar a vida



daqueles que trabalham com contabilidade no Brasil, já, possivelmente, pressionado pelo Antoninho Trevisan, que também, sabe, há algumas décadas vem brigando por isso.

O dado concreto é que talvez por conta desse jeito de ser do Zé Alencar e eu não acredito que na história da humanidade alguém teve um vice da qualidade do que eu tenho, uma pessoa da confiança, que eu poderia deixar um talão de cheques assinado em branco com ele e viajar por quanto tempo eu quisesse, que eu tenho certeza que no Brasil, tenho certeza que não ia aparecer nenhum contador para dizer que ele preencheu um cheque sem conversar comigo. Essa relação de lealdade, essa simplicidade, e eu acho que esse até antagonismo de prática de vida – ele no lado empresarial e eu no lado sindical – permitiram que a gente se juntasse. Vocês sabem que eu não conhecia o Zé Alencar até ser convidado para ir a Belo Horizonte a uma festa de homenagem aos 50 anos de vida empresarial dele. E, chegando lá, ele, gentilmente, tinha convidado muita gente, ele era muito importante, tinha muitos governadores, ele era senador da República, tinha muitos presidentes de partido, e ele lembrou de me convidar. Eu não tinha, até então, nenhuma relação com o Zé Alencar, apesar de ir a Belo Horizonte sem conhecê-lo e ficar em um hotel que ele tinha lá, que era Hotel Wembley. Um hotel de três estrelas, mas com tratamento de dez estrelas, sobretudo quando decidiu não cobrar minha conta. Era maravilhosa a quantidade de estrelas que aquele hotel tinha.

Bem, então eu ouvi um discurso do Zé Alencar, depois de falar muita gente, eu não quis falar, ele pediu se eu queria falar, e eu ouvi o discurso do Zé Alencar. E o discurso do Zé Alencar era ele contando a história dele: como ele saiu de casa, como ele virou empresário, como é que ele... E eu, naquela hora, bateu uma intuição que eu falei: encontrei meu vice. Mas como eu não tinha muita intimidade com o Zé Alencar, eu vou esperar uns dias. Passaram uns



dias, eu vim a Brasília e convidei o Zé Alencar para ser o meu vice-presidente da República.

Bem, acho que muitas vezes as pessoas, Antoninho Trevisan, não percebem que a história contada com a sinceridade em que ela deve ser contada foi capaz de fazer com que eu escolhesse uma pessoa que eu não conhecia para ser candidato a vice, o que não é uma coisa de pouca confiança, porque pode acontecer um acidente. O Tancredo morreu no dia de tomar posse (incompreensível), ou seja, isso pode acontecer. E eu estava entregando a um companheiro que eu conhecia a pouco tempo a responsabilidade de assumir o Brasil caso eu faltasse. E eu sou grato pelo comportamento do Zé Alencar nesses oito anos. Eu, sinceramente, não sei se ele fosse um irmão meu se a gente teria a relação de amizade e de confiança que a gente tem um pelo outro e a relação de carinho. E nós vamos sair do Brasil... da Presidência do Brasil nos próximos meses e vamos descer a rampa juntos como subimos; mais alegres e menos nervosos do que quando subimos; um pouco com a consciência tranquila de dever cumprido; imaginando o legado que a gente vai deixar neste país, sabendo que ainda falta muita coisa para fazer; sabendo que séculos de descaso que o nosso país teve com uma grande parcela da sociedade não se conserta nem em oito, nem em 15, nem em 20 anos. É preciso, quem sabe, algumas décadas para que a gente possa consertar e nivelar o Brasil em um patamar em que todos sejam, se não iguais, mas mais ou menos iguais, porque a diferença faz bem.

Eu fico imaginando, Zé... ontem eu estive em Pernambuco, em Salgueiro, e participei de três eventos muito diferentes. Em um eu fui ter uma reunião com mais de 3 mil trabalhadores que estavam fazendo a Transnordestina e estava a maior fábrica de dormentes do mundo, produzindo 4,8 mil dormentes por dia, e fui depois visitar uma usina de brita, depois eu fui visitar... inaugurar uma escola técnica, depois eu fui inaugurar a Universidade



do Vale do São Francisco do lado pernambucano e do lado da Bahia, que já estava pronta uma parte.

E cada vez que eu vou inaugurar uma coisa, eu fico imaginando o que aconteceu no Brasil nesses últimos oito anos. Possivelmente, eu e o Zé Alencar tenhamos muita sorte e mereçamos ter sorte, porque nós dois acreditamos em Deus, temos muita fé. Eu, se fosse presidente de um time não contraria para goleiro nenhum goleiro que não tivesse sorte. Eu quero um goleiro que tenha sorte e caia sempre do lado que o batedor de pênalti vai bater o pênalti, para ele pegar o pênalti. Azarado é para outros, e não para nós. E nós vamos deixar um Brasil com um paradigma muito superior ao paradigma que nós (incompreensível). Eu... As palavras de elogios ao governo são sempre gratificantes, a gente gosta. E, depois, a gente também não gosta quando as pessoas dizem que ainda falta alguma coisa.

Reforma tributária: eu, sinceramente, daqui para a frente, quando alguém quiser debater reforma tributária comigo, vai ter que se preparar muito, porque eu acreditava que era verdade que as pessoas queriam reforma tributária, eu acreditava que as pessoas queriam, porque teve um tempo em que só se falava em reforma tributária.

É importante lembrar que nós tomamos posse no dia 1º de janeiro de 2003 e em abril de 2003 eu fui ao Congresso Nacional, com 27 governadores, indicar uma proposta de reforma tributária, entregar no Congresso Nacional. Ela votou uma parte das coisas que diz respeito à arrecadação federal, e parou de votar porque não havia interesse, porque cada estado quer ter a sua arrecadação, o seu jeito de arrecadar e por aí afora.

Não contentes com isso, o ministro Guido Mantega, o Nelson Machado e o pessoal da Fazenda passaram meses preparando uma proposta de política tributária, que essa eu pensei que era consensual, porque participaram, primeiro, todos os segmentos empresariais, participou o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, participaram toda as centrais sindicais,



participaram todos os partidos e todos os líderes, e construímos a proposta que eu achei: “Essa vai ser aprovada por unanimidade, no dia em que chegar no Congresso Nacional”. Eu estava até com cuidado para ela não ser aprovada a toque de caixa. Conclusão: vou terminar o meu mandato e ela não foi aprovada. Deve ter algum inimigo oculto, como diria o Jânio Quadros, que embora concorde de fora que era preciso a política tributária, por dentro trabalha para ela não sair. Porque na cabeça de cada setor tem a sua política tributária, na cabeça de cada empresário tem a sua política tributária, na cabeça de cada trabalhador tem a sua política tributária, na cabeça de cada deputado e de cada senador. Então, é uma coisa que não andou, porque ninguém quer perder absolutamente nada, ninguém quer perder absolutamente nada, ninguém abre mão de um centavo daquilo que já tem.

E agora estamos começando a ver outra guerra fiscal, Nelson, neste país. Nós temos alguns estados que estão reduzindo o ICMS a quase zero para importar, ou seja, tornando a guerra que a gente pensava que tinha acabado, em uma guerra fratricida entre os estados, coisa que a gente queria acabar, para ter uma normatização federal, respeitando a diversidade, mas garantindo a todos a oportunidade. Você já sabe a guerra que está acontecendo nos estados.

Pois bem, ao mesmo tempo, nós conseguimos vencer aquele discurso frágil, porque no Brasil, de vez em quando, se cria doutrina, se vende doutrina e começa a trabalhar a doutrina de que o Estado tinha que ser mínimo, de que o Estado não tinha que estar em lugar nenhum. E, agora, muita gente que pensava assim percebeu que o Estado tem um papel importante, porque quando aconteceu a crise nos Estados Unidos e a crise na Alemanha, em 2008, pelo fato de os Estados não terem sistema de segurança, alguns, muito mais fragilizados do que o Brasil, porque tínhamos um sistema financeiro preparado, que era o Banco do Brasil, BNDES e Caixa Econômica Federal, nós conseguimos segurar o “tranco” da crise, lá eles não conseguiram segurar.



Enquanto aqui, no ano pior da crise, nós criamos quase um milhão de empregos com carteira profissional assinada, lá houve praticamente 16 milhões de pessoas que perderam seus postos de trabalho. E nós percebemos que mesmo lá, onde nasceu a doutrina do Consenso de Washington de que o Estado não valia nada, se não fosse o Estado a economia tinha quebrado, porque o Estado descobriu que ele tem um papel importante, não o papel de ser o Estado empresário, mas ser o Estado indutor e o Estado regulador, porque se não tiver regulação, nada funciona no mundo.

Então, nós vamos sair da Presidência da República com alguns aprendizados importantes. Eu, por exemplo, Zé Alencar, tenho conversado muito com os companheiros de outros países e tenho percebido que há uma contradição, uma contradição maluca no mundo, que eu queria, quem sabe, Antoninho Trevisan, que um contador pudesse me esclarecer, porque há uma coisa... todos os países que têm forte política social e que os trabalhadores têm todos os dentes na boca, almoçam, jantam, tomam café, que tem ônibus de qualidade, carro de qualidade, salário de qualidade, em todos esses países a carga tributária é uma carga tributária que eu não sei se é alta ou baixa, o que eu sei é que é uma carga tributária elevada, mais do que a nossa. E em todos os países pobres do mundo, seja no continente africano ou na América Latina, a carga tributária é muito baixa. Tem Estado com a carga tributária, Zé Alencar, de 9%; tem Estado de carga tributária de 11%; tem estado de carga tributária de 10% e no Estado que tem uma carga tributária só de 9% não tem Estado. Me desculpem, mas o Estado não pode fazer absolutamente nada, em nenhuma área, muito menos ter política social.

Então, eu acho que... espero que no próximo período, Antoninho, a gente consiga discutir, em vez de ficar discutindo se é baixa ou se é alta, que a gente consiga discutir a justa, aquela que permita que o Estado continue exercendo o papel do Estado e aquela que permita que os nossos empresários e o povo como um todo possa sobreviver sem o constrangimento de algo



pesado em seu orçamento no final do ano. Se vamos conseguir eu não sei, mas eu acho que é uma meta a ser perseguida. Vocês lutaram quantos anos para essa lei, e ela chegou? Eu acho que se a gente perseguir a gente pode conquistar.

E, por último, dizer para vocês que eu fiz duas coisas no governo, Zé Alencar, que eu não tinha muita certeza se era importante fazer. A primeira foi no auge da crise, em 2008, quando a imprensa inteira anunciava o desastre da humanidade, que o povo não ia comprar porque ia perder o emprego. Eu, no dia 22 de dezembro de 2008, fui à televisão fazer apologia do consumo, pedir para o povo consumir, porque se ele não consumisse, a empresa não ia produzir, o comércio não ia vender, e aí, sim, que ele ia perder o emprego. Eu, que durante muito tempo fiz apologia contra o consumismo, eu tive que fazer isso.

E a outra coisa importante é, Zé, nós, você e eu, você um pouco mais à esquerda do que eu, que somos os primeiros governantes socialistas deste país, que fizemos este país se transformar em um país capitalista. Porque este país, Antoninho, quando eu cheguei aqui, no dia 1º de março de 2003, todo o crédito disponibilizado para Brasil inteiro era de apenas R\$ 380 bilhões. Como é que um país pode ser um país de economia capitalista se não tem capital? Não tem capital de giro, não tem capital para financiamento, não tem capital para crédito, não tem nada, como é que poderia ser, Antoninho?

Ou seja, hoje, Antoninho, passados oito anos, nós vamos entregar o governo, Zé Alencar, com R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito disponibilizado para a sociedade brasileira. Nós vamos entregar um BNDES, nós vamos entregar o BNDES que, quando emprestava muito, emprestava 39 bilhões, emprestando, no ano passado, 140 bilhões. Uma Caixa Econômica, que financiava 5 bilhões de casas com o dinheiro do Fundo de Garantia, financiando 60 bilhões este ano e 47 bilhões no ano passado. Um Banco do Brasil que hoje, sozinho, tem a mesma quantidade de crédito que tinha o Brasil



inteiro, em 2003.

Então, nós vamos entregar um país, Zé, que é um paradigma diferente: os contadores mais felizes, mais garantidos, com a sua lei desejada, aprovada, mais empregos, mais micro e pequenos empresários para vocês ajudarem na contabilidade e legalizar as pessoas. Ou seja, eu penso que quando eu e o Zé Alencar descermos a rampa, quem subir vai pegar um país mais organizado, um pouco melhor do que o país que nós recebemos, mas ainda sabedor de que nós precisamos trabalhar muito, mas muito mesmo, para que a gente possa fazer um processo de reparação de desmandos de séculos que foram feitos no nosso querido país.

O que é importante é que quando eu e o Zé Alencar deixarmos o Palácio do Planalto, nós vamos tomar um “golo”, uma cachaça fabricada por ele, chamada “Maria da Cruz”, sem nenhuma preocupação se a imprensa vai fotografar, sem o Stuckinha ficar gritando: “Cuidado, cuidado, Lula, que a imprensa está aí”, ou seja, nós vamos lá, vamos fazer um brinde, e se alguém quiser tirar fotografia que tirem, se não quiserem tirar, não tirem, porque nós não estaremos mais preocupados com foto ou sem foto. Nós não estaremos mais preocupados com isso, até porque eu também sei que político, quando deixa o mandato, presidente e vice-presidente, nem vento bate nas nossas costas, Zé. Nem vento, ou seja, eu acho... Mas o que é importante, que é importante é que eu e você vamos deitar, no dia 1º à noite, na nossa casa, porque nós temos que dar posse aqui e “chispar”, você pode tratar de desocupar o Jaburu e eu desocupar o Alvorada, e aí nós vamos voltar para a nossa casinha. Não sei se você vai para São Paulo ou para Minas Gerais. Se quiser ir tomar um “golo” comigo no avião, nós podemos ir juntos. E aí, e aí, Zé, nós vamos contar as histórias daquilo que nós fizemos e daquilo que nós não fizemos.

E eu quero dizer para vocês que eu sou grato, grato ao povo brasileiro, grato às pessoas que acreditaram em momentos difíceis, grato às pessoas que



souberam fazer críticas pela frente, mas que souberam reconhecer, também, pela frente. Grato a todos vocês que um dia acreditaram que era possível fazer com que este país recuperasse a autoestima e não aceitasse mais que fôssemos tratados como se fôssemos uns vira-latas de segunda categoria.

Nós não devemos nada a ninguém. Até o FMI é que deve para nós, hoje, que eu vou mandar uns contadores lá, saber se eles estão fazendo as coisas corretas.

Eu não vou poder ficar para o jantar com vocês, quero pedir desculpas antecipadas. O Nelson e o Paulo Okamoto comem por mim. Não sei se o Zé Alencar vai ficar, então repartam por três o meu prato. Eu vou embora mas quero, de coração, dizer a todos vocês: eu penso que o que nós fizemos foi apenas dizer para vocês “é possível, briguem, lutem, persistam, persistam que as conquistas virão”. Foi assim a minha vida inteira. Foi assim que vocês conquistaram o estágio tão importante que vocês estão hoje, mas, certamente, vocês ainda terão muita coisa para conquistar, e o povo brasileiro idem.

Portanto, meus parabéns a vocês. E nos encontraremos, porque eu preciso sempre de alguém para fazer a minha contabilidade. E, quem sabe, Paulo Okamoto, você não é contador, você não pode mais fazer, vai ser o Antoninho Trevisan que vai ser o meu contador. Como ex-presidente e ex-vice não têm nada para contabilizar, a não ser história, muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês, e boa janta para vocês.

(\$211A)